

Motivos e consequências para a utilização do jogador de quadra adicional no handebol: perspectivas de treinadores brasileiros

RESUMO

O uso do jogador de quadra adicional (JQA) no handebol sofreu implicações após mudanças regulamentares (2016). Os estudos envolvem a eficácia do JQA em competições, mas poucos esforços têm sido envidados para investigar motivos e expectativas dos treinadores para a sua utilização. Este estudo analisou as razões pelas quais os treinadores optam por utilizarem o JQA e as consequências em situações distintas do jogo. Sete treinadores de equipes adultas que qualificaram suas equipes entre as quatro melhores (Liga Nacional) foram entrevistados (entrevista semiestruturada). A análise temática reflexiva foi utilizada para a identificação dos temas e discussão. Os resultados revelaram dois subtemas: a utilização do JQA para produzir superioridade numérica ofensiva e as características e riscos do JQA para mitigar a inferioridade numérica. Comportamentos pertinentes ao jogo sem goleiro em superioridade numérica ou para aproximar a relação numérica foram percebidos e permitem refletir sobre avaliação e adaptação de modelos de jogo.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte coletivo;
Treinamento esportivo; Estratégia

João Paulo Torres Di Gilio

Mestre em Ciências
Universidade de São Paulo (USP), Escola de
Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto
(EEFERP), Ribeirão Preto, Brasil.

joao.gilio@alumni.usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-1277-7346>

Renato Francisco Rodrigues Marques

Livre-Docente em Educação Física e Esporte
Universidade de São Paulo (USP), Escola de
Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto
(EEFERP), Ribeirão Preto, Brasil.

renatomarques@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-7807-3494>

Rafael Pombo Menezes

Livre-Docente em Educação Física e Esporte
Universidade de São Paulo (USP), Escola de
Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto
(EEFERP), Ribeirão Preto, Brasil.

rafaelpombo@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-4842-641X>

Reasons and consequences for the use of the additional court player in handball: perspectives of Brazilian coaches

ABSTRACT

The use of the additional court player (ACP) in handball underwent implications after regulatory changes in 2016. Studies have examined the effectiveness of ACP in competitions, but few efforts have been made to investigate coaches' reasons and expectations for its use. This study analyzed why coaches choose to use the ACP and the consequences in different game situations. Seven coaches of adult teams that qualified their teams among the top four (National League) were interviewed (semi-structured interview). Reflexive thematic analysis was used for theme identification and discussion. The results revealed two subthemes: the use of ACP to reach offensive numerical superiority and the characteristics and risks of ACP to mitigate numerical inferiority. Behaviors relevant to the game without a goalkeeper in numerical superiority or to close the numerical gap were perceived, allowing reflection on game model assessment and adaptation.

KEYWORDS: Team sport; Sports training; Strategy

Motivos y consecuencias del uso del jugador de campo adicional en el balonmano: perspectivas de entrenadores brasileños

RESUMEN

El uso del jugador de campo adicional (JCA) en el balonmano sufrió implicaciones después de cambios regulatorios (2016). Los estudios han examinado la eficacia del JCA en competiciones, pero pocos esfuerzos se han hecho para investigar las razones y expectativas de los entrenadores para su uso. Este estudio analizó por qué los entrenadores utilizan al JCA y las consecuencias en diferentes situaciones de juego. Se entrevistó (semiestructurada) a siete entrenadores de equipos adultos que clasificaron a sus equipos entre los cuatro mejores (Liga Nacional). Se utilizó el análisis temático reflexivo para la identificación y discusión de temas. Los resultados revelaron dos subtemas: el uso del JCA para crear superioridad numérica ofensiva y las características y riesgos del JCA para mitigar la inferioridad numérica. Se percibieron comportamientos relevantes para el JCA en superioridad numérica o para cerrar la asimetría numérica, lo que permite la reflexión sobre la evaluación y adaptación del modelo de juego.

PALABRAS-CLAVE: Deporte de equipo; Entrenamiento deportivo; Estrategia

INTRODUÇÃO

A estratégia do jogador de quadra adicional (JQA) no handebol é utilizada pelo menos desde a década de 1970, quando estavam relacionadas aos momentos finais de uma partida com placar negativo (ANTÓN GARCÍA, 2010). Neste recorte histórico, seja durante os momentos de exclusão ou não, alguns treinadores posicionavam o goleiro como um pivô para tentar reverter um placar adverso, enquanto outros substituíam o goleiro por um jogador de quadra para assumir um papel ofensivo específico (ANTÓN GARCÍA, 2010). Em campeonatos que antecederam as alterações regulamentares propostas pela Federação Internacional de Handebol (IHF, 2016a; b) já havia equipes que substituíam o goleiro por um JQA no ataque, principalmente durante os momentos que sucediam exclusões (BEIZTEGUI-CASADO; OLIVER-CORONADO; SOSA-GONZÁLEZ, 2019; MUSA et al., 2017).

Os períodos de exclusão ganharam destaque em pesquisas que investigam o handebol (PRIETO; RUANO; SAMPAIO, 2017; PUEO; ESPINA-AGULLO, 2017; TREJO-SILVA et al., 2020), pois provocam uma relação de assimetria numérica em que a equipe com jogador excluído deve tentar equilibrar as ações ofensivas e defensivas durante os dois minutos em inferioridade numérica. Uma análise dos jogos masculinos dos campeonatos europeus, mundiais e olímpicos entre 1982 e 2014 não identificou relação entre a quantidade de exclusões e o desempenho das equipes, embora tenha sido verificado um aumento do número de punições de dois minutos ao longo desse período (PUEO; ESPINA-AGULLO, 2017). Análises de jogos do campeonato pan-americano feminino de 2015 sugeriram que as equipes com exclusão têm pior desempenho (TREJO-SILVA et al., 2020), e as equipes masculinas vencedoras dos jogos da liga espanhola (temporada 2011-2012) têm melhor aproveitamento que as perdedoras durante os períodos de exclusão (PRIETO; RUANO; SAMPAIO, 2017).

Em 2016 houve alterações no regulamento do handebol (IHF, 2016a; b) que propuseram outras perspectivas para o uso do JQA e reforçaram sua utilização em momentos de exclusão (KRAHENBÜHL; MENEZES; LEONARDO, 2019). Antes das alterações o JQA devia vestir uniforme de cor semelhante ao do goleiro, obrigatoriedade que foi suprimida pela alteração nas regras (IHF, 2016a; b). Essa alteração facilitou a substituição e diminuiu o risco de jogar com o gol vazio (GILIO, 2021; KRAHENBÜHL; MENEZES; LEONARDO, 2019).

As análises dos campeonatos masculinos após a alteração regulamentar sugerem que as equipes estão aperfeiçoando a estratégia. Nas partidas masculinas de handebol dos Jogos Olímpicos de 2016 a utilização do JQA não proporcionou vantagens ou desvantagens diretas para a equipe que

o utilizou (KRAHENBÜHL et al., 2019). Em contrapartida, estudos no campeonato mundial masculino de 2017 (PRUDENTE et al., 2019) e no campeonato europeu de 2020 (GUMUS; GENCOGLU, 2020) identificaram que as ações com uso do JQA, principalmente nos períodos de exclusão, mostraram-se mais eficazes que os momentos com punição de dois minutos sem o uso do JQA. Um estudo investigou a utilização do JQA em equipes femininas (MAROJA et al., 2020), cujos resultados ratificaram as análises dos campeonatos masculinos.

Os estudos encontrados relatam majoritariamente análises que consideram contextos competitivos e a eficácia do uso do JQA durante os jogos. Por outro lado, identifica-se uma importante lacuna considerando estudos que investiguem as justificativas e as expectativas dos treinadores para a utilização do JQA durante a fase ofensiva do jogo de handebol. Partindo do cenário apresentado anteriormente, este estudo teve como objetivo analisar os motivos pelos quais os treinadores optam pela utilização do JQA e as possíveis consequências para o seu uso em situações distintas do jogo.

MÉTODOS

Optou-se por uma abordagem qualitativa pela possibilidade de entender como determinado fenômeno é compreendido e/ou se comporta dentro de um contexto específico. Nesse sentido, trata-se de um estudo transversal, com a realização de uma entrevista para a análise de como o JQA é sistematizado pelos treinadores no contexto prático.

Seleção dos participantes e produção dos dados

O processo de seleção dos participantes abrangeu treinadores de handebol da categoria adulta que qualificaram suas equipes na liga nacional entre as quatro melhores em período após a mudança do regulamento mencionada anteriormente. Sete treinadores (dos 10 possíveis) participaram do estudo e foram denominados de T1M, T2F, T3F, T4F, T5M, T6M e T7M (M para aqueles que treinavam equipes masculinas; F para os que treinavam equipes femininas). Todos são do sexo masculino, graduados em Educação Física há 25,9 (\pm 9,9) anos, com idade de 46,6 (\pm 9,4) anos e 26 (\pm 11,6) anos de experiência profissional como treinador de handebol. Três treinadores que preenchiam o perfil requisitado foram excluídos do processo de seleção por dificuldades de contato ou por não aceitarem participar da pesquisa.

As entrevistas foram agendadas a partir da disponibilidade dos treinadores e foram realizadas por meio de aplicativos de chamada de vídeo. Os sete treinadores que aceitaram participar da pesquisa autorizaram de utilização dos dados apresentados através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o processo ético foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa Institucional.

A entrevista foi guiada por um instrumento de entrevista semiestruturada, por permitir ao entrevistador direcionar novas perguntas para investigar temas que surgiram e para aprofundar em assuntos tratados superficialmente (MARCONI; LAKATOS, 2011; PURDY, 2014). As perguntas norteadoras foram: 1. “Quais momentos do jogo o treinador observa a utilização do JQA? O que leva o treinador a utilizar a estratégia?”; 2. “Quais as vantagens e desvantagens da utilização do JQA para propor a superioridade numérica e durante os momentos de exclusão?”; 3. “Quais os comportamentos esperados pelo treinador enquanto utiliza o JQA?”.

Análise dos dados

Todas as entrevistas tiveram áudio e vídeo gravados na íntegra para posterior transcrição em um editor de texto. Na análise dos depoimentos foi utilizada a análise temática reflexiva (RTA), que possibilitou identificar, organizar e categorizar padrões relevantes de um grande banco de dados de forma concisa (BRAUN; CLARKE, 2006; 2019; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014).

A escolha pela RTA deu-se pela sua aplicabilidade ao campo esportivo (BRAUN; CLARKE, 2019), sua flexibilidade que permite análises com orientações epistemológicas distintas (BRAUN; CLARKE, 2006; 2019) e a acessibilidade oferecida pelo protocolo que mostrou-se prático e eficaz (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014). O processo de análise seguiu seis etapas (BRAUN; CLARKE, 2006), e foi orientada ao tratamento de aspectos específicos dos dados por meio de um viés, preferencialmente, teórico-dedutivo, construcionista e latente (BRAUN; CLARKE, 2006; 2019; BRAUN; CLARKE; RANCE, 2014). Os padrões que produziram os temas foram definidos de acordo com a recorrência de códigos nos discursos de, ao menos, três treinadores.

A RTA identificou um tema (“Características da utilização do JQA durante a fase ofensiva na superioridade numérica e ao aproximar a relação numérica”) e dois subtemas (“Aspectos específicos do jogo em superioridade numérica com JQA” e “Características do uso do JQA para aproximar a relação numérica e o risco do jogo sem goleiro”). Os dois subtemas contribuíram para a

produção do tema e com a discussão que envolve alguns princípios para a utilização do AFP na fase ofensiva do jogo de handebol.

Destaca-se a experiência prévia dos três pesquisadores com as opções metodológicas deste estudo (entrevistas semiestruturadas e análise temática reflexiva). O primeiro e o último autor possuem vasta experiência com o handebol como atletas e treinadores, o que auxiliou nos processos de seleção dos participantes, de produção e análise dos dados apresentados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi objetivo analisar os motivos pelos quais os treinadores optam pela utilização do JQA e as possíveis consequências para o seu uso em situações distintas do jogo. Os dois subtemas apresentados pela RTA foram tratados separadamente nesta seção: o subtema 1 expõe os resultados que explicam a utilização do JQA para produzir superioridade numérica ofensiva; o subtema 2 apresenta características gerais do jogo sem goleiro e os aspectos pertinentes à utilização do JQA durante os períodos de exclusão para mitigar a inferioridade numérica.

Subtema 1: Aspectos específicos do jogo em superioridade numérica com JQA

O subtema 1 agrupou as categorias de análise referentes às possibilidades de utilização do JQA para produzir superioridade numérica (como 7x6, 6x5 etc.) e aos comportamentos esperados pelos treinadores durante essa situação de jogo. Todos os treinadores destacaram que o match status (ou o resultado momentâneo da partida em relação ao tempo do jogo) influencia suas decisões em utilizar ou não o JQA para produzir a superioridade numérica:

O uso do JQA eu vejo mais em situações de final de jogo e final de primeiro tempo; em situações que você está ganhando o jogo; e em situações em que está em inferioridade no placar (T3F).

Eu acredito que o JQA é uma opção que se utiliza muito na busca de mudar um cenário ruim dentro de uma partida. [...] Finais de jogo onde precisa-se tirar uma vantagem, ou matar um jogo também se utiliza muito (T6M).

O tempo de jogo mostrou-se relevante de acordo com os participantes, especialmente quando vinculado ao placar negativo nos minutos finais de cada período de jogo, corroborando os achados de outros estudos (ANTÓN GARCÍA, 2010; KRAHENBÜHL; MENEZES; LEONARDO, 2019; MUSA et al., 2017). O contexto do placar da partida como uma das condições para o uso do

JQA já havia sido identificada antes da alteração do regulamento (ANTÓN GARCÍA, 2010) e constatada por estudos que investigaram a utilização do JQA associado tanto a placares negativos (KRAHENBÜHL; MENEZES; LEONARDO, 2019; MUSA et al., 2017) como positivos (MUSA et al., 2017; PRUDENTE et al., 2019). Os treinadores consideraram as duas possibilidades de acordo com as características da equipe, o modelo de jogo e o desempenho durante o jogo, e também destacaram que a superioridade provocada pela utilização do JQA possibilita superar o baixo desempenho ofensivo (T1M, T3F, T6M e T7M) e equilibrar jogos entre equipes tecnicamente desequilibradas (T1M, T2F e T3F):

Quando você tentou várias ações ofensivas e seu time não respondeu ou a defesa dos caras foi muito melhor, alguma coisa tem que ser feita, você vai trocar um jogador, vai pedir um timeout... Evidente que isso não é uma regra, mas tem que estar inserido no contexto do treinador. Colocar o JQA vai mudar, pode ser uma forma de quebrar a defesa (T7M).

É positivo ter o JQA como estratégia, porque é um recurso a mais para jogar com um time superior ao seu. Enfrentar de igual para igual, porque você pode equilibrar o jogo (T3F).

Percebeu-se a possibilidade de utilizar o JQA diante de um mau desempenho ofensivo, como uma sequência de ações ineficazes que levem os treinadores a mudarem o panorama do jogo para obter gols, o que foi observado em estudos anteriores (GUMUS; GENCOGLU, 2020; KRAHENBÜHL; MENEZES; LEONARDO, 2019; PRUDENTE et al., 2019). Os resultados indicaram condicionantes relevantes para a elaboração do modelo de jogo de equipes de handebol e para o processo de treino. Os treinadores reforçaram a necessidade de dominar os conteúdos pertinentes à estratégia para o jogo de handebol. Foi sugerido pelos treinadores que jogar muitos minutos em situação de superioridade numérica (como o 7x6) pode equilibrar as ações diante de um jogo entre equipes de níveis técnicos distintos, o que indica problemas de investigação pertinentes para analisar o desempenho de equipes que utilizam o JQA e não mostram desempenho inferior ao seu adversário.

O jogo de superioridade numérica com JQA apresenta-se como alternativa ofensiva para sair da pressão defensiva de acordo com todos os treinadores participantes. Os discursos destacados a seguir reforçam o uso do JQA diante de sistemas defensivos abertos (em duas ou mais linhas) e mistos:

[Pode-se utilizar] O JQA quando você tem certeza de que sua equipe não tem condições de atacar uma defesa aberta, porque você perde a continuidade da bola.

Como tem que acelerar muito o jogo, o melhor é jogar com 7, porque permite-se uma quantidade de passes maior (T5M).

A vantagem de jogar 7x6 é a superioridade numérica que impede a pressão defensiva, uma defesa um pouco mais aberta [...]. Forçar a defesa adversária a jogar mais com bloqueios e menos com interceptação, pressão e contato direto (T6M).

A assimetria numérica dificulta manter a relação direta de oposição entre atacantes e defensores (ANTÓN GARCÍA, 2002; KRAHENBÜHL; MENEZES; LEONARDO, 2019; LEONARDO et al., 2019) e, na opinião dos treinadores, o JQA pode ser usado para gerar superioridade numérica como uma alternativa estratégica para sair da pressão exercida por sistemas defensivos organizados em duas ou mais linhas (5:1, 4:2, 3:3, 3:2:1) ou mistos (5+1, 4+2 etc.). A possibilidade de jogar com dois pivôs na relação 7x6 com JQA foi tratada de forma mais aprofundada pelos treinadores participantes, assim como foi a forma mais usual no campeonato mundial masculino de 2017 (PRUDENTE et al., 2019). Já a sistematização com quatro jogadores na primeira linha não foi mencionada.

A sistematização ofensiva e o posicionamento dos pivôs na situação de 7x6 também foi destacada pelo treinador T7M:

Dois pivôs entre segundo e terceiro para os dois laterais fixarem seus marcadores e abrir o meio. Dependendo dos movimentos, pode fazer um jogador muito grande receber a bola contra um jogador pequeno nas costas.

Identificou-se que o posicionamento dos pivôs interfere nos comportamentos dos companheiros e favorecem a busca por “mismatches”, ou seja, quando se oportuniza o pareamento de um defensor e um atacante com características incompatíveis que favorecem as ações ofensivas. Para além da sistematização ofensiva, todos os treinadores reforçaram comportamentos relevantes para as equipes que utilizam o JQA em busca de superioridade numérica:

O jogo propõe uma situação de superioridade numérica, que [para resolver] tem que ter passe, continuidade, é um jogo com espaços muito mais concretos para cada jogador. Dificilmente encontra-se possibilidade de contato corporal, você joga muito mais nos espaços, com estratégias e com percepção em relação ao como jogar (T5M).

O 7x6 tem a situação de chute de meia e longa distância. Os laterais têm que ter um bom chute de meia distância, mas eles têm que ter uma grande leitura para efetivar a superioridade. 80% do 7vs6 finaliza nos 6m, servindo pivô e ponta, até com oportunidade de jogo do central nos 6m. O central pode finalizar de meia distância, porém com um armador lateral que tira o terceiro do centro da defesa cria-se oportunidade para o central jogar a curta distância (T4F).

[É importante] O trabalho de paciência e de continuidade para o arremesso no momento certo. A continuidade e a tomada de decisão não podem ser robotizadas (T6M).

Os treinadores destacam que a superioridade numérica ofensiva dificulta o contato corporal entre os atletas, dessa forma sugerem que sejam preconizados os deslocamentos curtos aos espaços vazios, em detrimento das ações 1x1. Embora os arremessos de longa distância sejam beneficiados pelo aumento da distância entre a defesa e o ataque, os treinadores esperam que durante a utilização do JQA em superioridade numérica haja mais finalizações próximas da área de seis metros pelos pontas, pivôs e das infiltrações dos armadores. Para isso, os treinadores destacam a capacidade de as equipes serem pacientes durante a busca pela situação de 1xgoleiro para evitar a perda da bola sem o próprio goleiro no gol.

Os resultados apresentados reforçam comportamentos característicos das demais situações de superioridade numérica ofensiva sem JQA (visto em ANTÓN GARCÍA, 1998). Portanto, mesmo com as dificuldades encontradas na administração dos espaços com sete jogadores na zona ofensiva, os comportamentos ofensivos não se diferenciam das demais situações de assimetria já encontradas no jogo de handebol. Os treinadores ainda reforçaram que as características da equipe e os riscos assumidos em deixar o gol vazio são fatores pertinentes para a não utilização do JQA:

Dependendo da equipe é uma loucura usar o 7x6, mesmo treinando. Talvez não precise ter esse risco, pode ser uma estratégia nunca utilizar porque sabe-se que vai mal (T2F).

Às vezes o treinador prefere não correr o risco de fazer um ataque com 7 mal executado e tomar um gol, principalmente com duas equipes muito equilibradas (T6M).

As características da equipe que se propõe a utilizar o JQA e o equilíbrio dos confrontos foram relacionados com a ocorrência de riscos que levam os treinadores a refletirem sobre o não uso do JQA. De acordo com a literatura específica e os dados apresentados anteriormente, quando o treinador (T2F) destaca que conforme a equipe prefere não utilizar o JQA para ter superioridade numérica, interpretou-se que as características das equipes, o modelo de jogo e o processo de treino e jogo interferem nessa decisão. Os resultados elucidam aspectos relevantes para a elaboração e avaliação do modelo de jogo de uma equipe, em que se deve considerar também as características dos jogadores, o seu desenvolvimento e os modelos de jogo das equipes adversárias (MENDES et al., 2020), em que pese a necessária ênfase nessa estratégia ao longo do processo de formação dos jogadores, assim como verificado com os conteúdos defensivos (MUSA; MENEZES, 2022).

Subtema 2. O uso do JQA para aproximar a relação numérica e o risco do jogo sem goleiro

Os treinadores destacaram outros dois pontos sobre a utilização do JQA que foram associados no subtema 2: 1. características pertinentes à utilização do JQA para mitigar a assimetria numérica durante os períodos de exclusão (e.g. 5+JQAx6, 4+JQAx6 etc.); e 2. diretrizes para o jogo ofensivo sem goleiro para mitigar os efeitos do gol vazio. A justificativa encontrada pelos treinadores para o uso do JQA durante os períodos de exclusão está relacionada com a tentativa de equilibrar as ações ofensivas a partir da igualdade numérica:

[Com o JQA durante momentos de exclusão] você consegue igualar o seu jogo ofensivo com a outra equipe e trabalhar ataques que antes não conseguia. A equipe adversária poderia mudar o sistema defensivo, criar alguma situação que não dá mais porque você coloca o JQA e jogará em igualdade (T2F).

Quando a gente joga 6x6 [com JQA ou sem] seu objetivo é criar um 1x1 em uma situação muito desfavorável para o defensor, ou uma defesa muito plana com uma situação muito favorável para finalização, ou uma situação de 1x0 (T7M).

Os resultados apresentados destacam a possibilidade do uso do JQA como uma alternativa viável ao se jogar em inferioridade numérica. Estudos recentes se debruçaram na análise da eficácia da estratégia nas situações de exclusão e os resultados divergem entre si. Nas partidas masculinas dos Jogos Olímpicos e do Campeonato Europeu de 2016 a estratégia não apresentou diferenças positivas significativas (KRAHENBÜHL et al., 2019; MUSA et al., 2017), enquanto nos Campeonatos Mundiais masculino e feminino de 2017 e no Campeonato Europeu masculino de 2020 a estratégia mostrou-se mais eficaz que as situações com exclusão que não se utiliza o JQA (GUMUS; GENCOGLU, 2020; MAROJA et al., 2020; PRUDENTE et al., 2019). Esses resultados levantam a hipótese de que esteja havendo um aperfeiçoamento da estratégia ao longo dos anos nas equipes adultas para igualar a relação numérica de forma que os resultados demonstrados nas competições internacionais refletem na RTA das entrevistas dos treinadores.

A RTA revelou que o uso do JQA durante os períodos com exclusão busca aumentar a eficácia ofensiva como uma alternativa para alterar um panorama negativo criado pela punição. Compreende-se a busca por uma alternativa estratégica para os períodos de inferioridade numérica já que entre o período de 1982 e 2014 o número de exclusões aumentou (PUEO; ESPINA-AGULLO, 2017) e análises recentes apresentam um rendimento menor das equipes com exclusão

(PRIETO; RUANO; SAMPAIO, 2017), possibilitando que as equipes vencedoras aproveitem da situação e obtenham vantagem no placar (TREJO-SILVA et al., 2020). Os participantes sinalizaram em seus discursos que o JQA permite igualar a relação numérica aumentando o tempo de ataque, o que poderia dificultar um resultado negativo durante a parcial de dois minutos de exclusão:

[Utilizo o JQA durante exclusão] para aumentar a posse de bola, ter possibilidade de um aumento do número de passes e continuidade da ação de ataque. Isso tudo é vantagem para quem está atacando, dependendo do sistema defensivo (T5M).

Dependendo dos movimentos da defesa, o seu tempo de posse de bola acaba sendo modificado durante inferioridade numérica. Tem que ter a intenção do gol, pressionar, se não rapidamente fica comprovada a ação de passivo. A defesa [comporta-se] de forma que o ataque tem que finalizar em 15, 20 segundos. Enquanto em uma ação de 6vs6 o tempo vai para 40 segundos. A equipe punida defende com um a menos e pode ser que tome um gol, mas ela ataca em igualdade possibilitando que ela faça um gol. Antes os desequilíbrios entre superioridade numérica é que decidiam o jogo, agora pode ser que não (T7M).

Os discursos dos treinadores evidenciaram que a igualdade numérica com o uso do JQA durante os períodos de exclusão permite ataques longos, por manter as linhas de passe e diminuir a pressão do adversário, como apresentado em outros estudos (ANTÓN GARCÍA, 2010; KRAHENBÜHL; MENEZES; LEONARDO, 2019). Não há limite de tempo para o ataque no handebol, embora a regra do jogo passivo permita que o árbitro, ao perceber o desinteresse da equipe pelo ataque, sinalize essa condição, alertando que restam quatro passes para que haja o arremesso. O tempo de jogo foi tratado em pesquisas anteriores partindo da busca por uma categorização dos momentos em que houve utilização do JQA (BEIZTEGUI-CASADO; OLIVER-CORONADO; SOSA-GONZÁLEZ, 2019; GUMUS; GENCOGLU, 2020; MUSA et al., 2017), entretanto não foram observados estudos que investigaram o comportamento do tempo de ataque durante os usos da estratégia ou dos momentos com exclusão.

Percebeu-se que as duas utilizações relatadas do JQA (aproximar a relação numérica e propor uma superioridade numérica) não oferecem novas situações para o jogo de handebol. Entretanto, alguns possíveis comportamentos vinculados ao jogar sem goleiro ganham destaque para o jogo com JQA depois das alterações regulamentares de 2016, como a busca pela finalização do lado contrário da troca, a preocupação com a precipitação dos ataques e a substituição surpresa. Todos os treinadores destacaram que os ataques devem tentar arremessar do lado contrário da área de substituição, como pode ser observado nos seguintes trechos:

O importante do ataque [sem goleiro] é que sempre termine com a finalização e pós finalização que saia o jogador para troca do goleiro, isso é muito importante (T6M).

De preferência a finalização tem que acontecer no lado oposto da zona de substituição, mas a equipe adversária também prevê isso então oferece mais o espaço do lado da substituição (T2F).

A ideia ofensiva normalmente é essa de você tentar gerar uma superioridade no lado contrário da troca, para que você consiga fazer a troca com um pouco mais de tranquilidade (T3F).

A RTA destacou a necessidade de conexão entre a fase ofensiva e o retorno defensivo, principalmente com a utilização do JQA e os riscos de jogar sem goleiro. Revelou-se como importante, ainda, que o ataque seja finalizado do lado contrário da área de substituição, diminuindo o tempo para a substituição de um jogador próximo a esta pelo goleiro. O discurso do treinador T2F reforça a importância da adaptação do ataque diante do contexto encontrado, pois o jogo de handebol apresenta-se como um fenômeno complexo e sistêmico caracterizado pelo confronto simultâneo de objetivos opostos (MENEZES, 2012).

Antes da alteração regulamentar de 2016, o processo de avaliação e análise do JQA considerava o posto específico que ele ocupava (BEIZTEGUI-CASADO; OLIVER-CORONADO; SOSA-GONZÁLEZ, 2019; MUSA et al., 2017), pois a regra exigia que esse jogador vestisse um uniforme diferente dos companheiros. Após a alteração nas regras, não é necessário identificar esse jogador na quadra, ao passo que outros aspectos se mostram relevantes para a análise do jogo, como o local de finalização e a sistematização ofensiva.

Segundo os treinadores, a transição ofensiva da equipe adversária deve ser atrasada o máximo possível para permitir o retorno do goleiro. Isto posto, os treinadores ressaltaram que é importante encerrar a ação ofensiva com um arremesso para que o adversário leve mais tempo para ter a bola sob controle em uma região de menor perigo. Como consequência, o gol vazio proporciona um risco que contribui para comportamentos conservadores na fase ofensiva com JQA:

Se você não tem um nível de passe, de fundamento, muito bom, você perde a bola e toma o gol (T4F).

A desvantagem é estar jogando sem goleiro. O contra-ataque pode favorecer um gol fácil, enquanto o gol sem goleiro é mais fácil ainda. Tem que medir muito para saber que horas você vai fazer isso (T7M).

A única determinação é que ninguém pode pegar a bola e fazer qualquer coisa. Quando estou sem goleiro, isso é proibido. A gente tem que partir de um ataque onde o ginásio inteiro saiba que a finalização vai acontecer naquele momento. Se alguém arremessar de qualquer jeito, é impossível conseguir antecipar a troca com a goleira (T2F).

Jogar com gol vazio eleva o nível de risco do jogo por permitir que o adversário marque gols de longa distância em um curto tempo e sem oposição a partir da recuperação da bola. Segundo os treinadores, é necessário avaliar para optar pela utilização do JQA, que demanda que o modelo de jogo deva considerar quando e porque a equipe deve arriscar ou assumir um comportamento conservador em determinados contextos de jogo. Por outro lado, o destaque dado pelo treinador T2F reforça uma previsibilidade que pode ser improdutiva ao ataque. Entende-se que o treinador espera que o ataque seja previsível, o que se assemelharia ao jogo pré-fabricado (MOLINA, 2006), com o objetivo de antecipar o arremesso e acelerar a substituição. Entretanto, os comportamentos excessivamente automatizados facilitam a antecipação defensiva (MOLINA, 2006) e podem dificultar o desempenho da equipe que utiliza o JQA para propor superioridade ou igualdade numérica.

O risco elevado atribuído com a utilização do JQA apresentou implicações para o processo de avaliação e análise da estratégia, como a inserção de categorias relacionadas às consequências da sua utilização. Estudos recentes destacaram que a utilização do JQA não traz prejuízos diretos às equipes que o utilizam (GUMUS; GENCOGLU, 2020; KRAHENBÜHL et al., 2019; MUSA et al., 2017), o que mostra que as equipes vêm apresentando relativo sucesso mesmo com o risco inerente ao emprego da estratégia.

Quatro treinadores (T1M, T2F, T6M e T7M) apontaram para um novo recurso permitido pela alteração do regulamento em 2016 que é a entrada de um JQA “de surpresa” durante a fase ofensiva, como visto nos seguintes discursos:

A gente criava uma situação de desdobramento e, ao mesmo tempo que a defesa buscava equilibrar o lado da ação, entrava o JQA para criar uma superioridade numérica momentânea na região contrária (T1M).

As defesas mistas são difíceis hoje, porque, se tirar alguém das linhas de defesa para marcar alguém individual, a outra equipe coloca o sétimo atacante a qualquer momento (T2F).

A partir dos discursos dos treinadores identificou-se que a alteração no regulamento em 2016 e a consecutiva não obrigatoriedade de substituição por um jogador específico flexibilizaram a substituição do goleiro. Os treinadores (T1M, T6M e T7M) destacaram que atualmente há uma estratégia de substituir o goleiro pelo JQA em momentos cruciais para que esse atleta arremesse em momento que surpreenda a defesa. Foi destacado pelo treinador T2F que a possibilidade de substituir o goleiro pelo JQA em qualquer momento dificulta a manutenção de defesas mistas e sinaliza o JQA como uma alternativa viável diante desses cenários defensivos.

CONCLUSÃO

Os treinadores brasileiros destacaram duas possibilidades de uso do JQA durante a fase ofensiva do jogo de handebol, uma utilizada para obter superioridade numérica e outra para aproximar a relação numérica após sofrer uma exclusão. A utilização do JQA mostrou-se relacionada com as características dos jogadores disponíveis, o modelo de jogo empregado, e o contexto do jogo (placar de jogo, tempo e o desempenho ofensivo). Os momentos de uso do JQA para proporcionar a vantagem numérica justificam-se na busca por dificultar a pressão defensiva e favorecer as ações de um contra o goleiro.

Por outro lado, a utilização do JQA durante os períodos de exclusão tenta igualar a relação numérica para buscar situações de desequilíbrio defensivo ao passo que permite criar mais linhas de passe e aumentar o tempo de posse de bola no ataque. Identificaram-se alguns comportamentos convenientes ao jogo sem goleiro, como a paciência para evitar arremessos precipitados, a busca por finalizar os ataques do lado contrário da área de substituição e a possibilidade de substituições inesperadas para obter vantagens momentâneas.

Os resultados produzidos pela RTA permitiram identificar possibilidades de jogo com JQA que podem contribuir com o desenvolvimento profissional de treinadores. Comportamentos pertinentes ao jogo sem goleiro, seja em superioridade numérica ou para tentar aproximar a relação numérica, foram percebidos e ofereceram discussões relevantes para o processo de avaliação e adaptação dos modelos de jogo que preconizam a utilização do JQA. Este estudo contribuiu com novos elementos que aprofundam o conhecimento sobre o tema que está em foco e ainda poderá originar novos questionamentos nos campos teórico e prático do handebol.

REFERÊNCIAS

ANTÓN GARCÍA, J. L. **Balonmano - Tática grupal ofensiva: concepto, estructura y metodología**. Granada: Grupo Editorial Universitario, 1998.

ANTÓN GARCÍA, J. L. **Balonmano - Tática grupal defensiva: concepto, estructura y metodología**. Granada: Grupo Editorial Universitario, 2002.

ANTÓN GARCÍA, J. L. Uso del “portero falso” en inferioridad numérica atacante: ¿nueva aportación táctico-estratégica? **E-Balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte**, v. 6, n. 1, p. 3-27, 2010.

BEIZTEGUI-CASADO, C.; OLIVER-CORONADO, J.; SOSA-GONZÁLEZ, P. I. Portero-jugador en situaciones de inferioridad numérica ofensiva en balonmano: ¿penalización o ventaja? **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, v. 19, n. 74, p. 06-14, 2019. Doi: <https://doi.org/10.15366/rimcafd2019.74.008>

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, p. 77-101, 2006. Doi: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 11, p. 1-9, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>

BRAUN, V.; CLARKE, V.; RANCE, N. How to use thematic analysis with interview data. In: VOSSLER, A. e MOLLER, N. (Ed.). **The Counselling & Psychotherapy Research Handbook**. 1 ed.: Sage, 2014. p. 183-197.

GILIO, J. P. T. D. **O jogador de quadra adicional no handebol: perspectivas de treinadores brasileiros sobre a estratégia**. 2021. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte)- Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2021. Doi: <https://doi.org/10.11606/D.109.2021.tde-17062021-100050>

GUMUS, H.; GENCOGLU, C. The effects of the goalkeeper substitution rule as a new strategy in handball: Analysis of Men's European Handball Championship 2020. **Acta Gymnica**, v. 50, n. 3, p. 113-121, 2020. Doi: [10.5507/ag.2020.015](https://doi.org/10.5507/ag.2020.015)

IHF, International Handball Federation. **Changes to the rules of the game**. <https://www.flh.lu/arbitrage/regles-rules> p. 2016a.

IHF, International Handball Federation. New Rules: 7 field players – New tactical possibilities! CENTRE, I.-E. https://www.youtube.com/watch?v=ynaGE_vIBRk 2016b.

KRAHENBÜHL, T.; MENEZES, R. P.; LEONARDO, L. Elite coaches' opinion about the additional court player and the strategic-tactical structures in handball. **Motriz**, v. 25, n. 3, e101931, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1980-6574201900030008>

KRAHENBÜHL, T. et al. The use of the additional field player in handball: analysis of the Rio 2016 Olympic Games. **RICYDE. Revista internacional de ciencias del deporte**, v. 57, p. 295-306, 2019. Doi: <https://doi.org/10.5232/ricyde2019.05707>

LEONARDO, L. et al. Opiniões de treinadores sobre o uso do sétimo jogador de quadra contra o sistema defensivo individual obrigatório em competições de handebol das categorias sub-12 e sub-14. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 1, p. 1-12, 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: 2011.

MAROJA, G. et al. Caracterização do ataque em sistema com a utilização da “baliza deserta” no handebol feminino. **Revista Brasileira do Esporte Coletivo**, v. 4, n. 1, p. 10-20, 2020.

MENDES, J. C. et al. Construcción del modelo de juego en balonmano. **Pensar en Movimiento: Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud**, v. 19, n. 1, p. e42052, 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.15517/pensarmov.v19i1.42052>

MENEZES, R. P. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, v. 18, n. 1, p. 34-41, 2012. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000100004>

MOLINA, S. F. Organización didáctica del proceso de enseñanza: aprendizaje para la construcción del juego ofensivo en balonmano. **E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte**, v. 2, n. 4, p. 53-66, 2006.

MUSA, V. S. et al. Participação do goleiro-linha no handebol: análise a partir do tempo de jogo, relação numérica, posto específico e match-status. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, S1A, p. 213-221, 2017. Doi: <https://doi.org/10.5628/rpcd.17.S1A.213>

MUSA, V. S.; MENEZES R. P. Coaches' opinions about teaching defensive skills for youth handball teams. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 17, n. 5, p. 1009-1017, 2022. Doi: <https://doi.org/10.1177/17479541221091092>

PRIETO, J.; RUANO, M.; SAMPAIO, J. Players' exclusions effects on elite handball teams' scoring performance during close games. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 15, p. 983-996, 2017. Doi: <https://doi.org/10.1080/24748668.2015.11868845>

PRUDENTE, J. N. et al. Analysis of the influence of the numerical relation in handball during an organized attack, specifically the tactical behavior of the center back. **Frontiers in Psychology**, v. 10, 2451, 2019. Doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02451>

PUEO, B.; ESPINA-AGULLO, J. Relationship between exclusions and final results in European Championships, World Championships and Olympic Games in men's handball 1982-2014. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 17, p. 1158-1162, 2017. Doi: 10.7752/jpes.2017.03178

PURDY, L. Interviews. In: NELSON, L. G., R. e POTRAC, P. (Ed.). **Research methods in sports coaching**: Routledge, 2014. cap. 15, p. 161-170.

TREJO-SILVA, A. et al. Offensive performance under numerical inequality during exclusions in female handball. **RICYDE Revista internacional de Ciencias del Deporte**, v. 16, n. 62, p. 396-409, 2020. Doi: <https://doi.org/10.5232/ricyde2020.06205>

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Código de Financiamento 001)

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP), da Universidade de São Paulo (USP). CAAE: 39796814.8.0000.5659, parecer 4.081.641, de 10/06/2020.

CONFLITO DE INTERESSES - Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Juliano Silveira

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 30.09.2023

Aprovado em: 24.10.2023.

